

# AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DOS RISCOS TECNOLÓGICOS E NATURAIS: O DESENVOLVIMENTO DO NORTE DE PORTUGAL E DA GALIZA

JOÃO SANCHES

Escola de Psicologia

Universidade Lusófona do Porto – EP/ULP

joao.sanches@hotmail.com

**Resumo:** Neste artigo propomo-nos analisar as representações sociais sobre os riscos tecnológicos e naturais na raia galego-portuguesa. O impacto das mudanças ambientais e os diferentes projectos de desenvolvimento assim como o objectivo de eliminação de fronteiras no espaço da União Europeia interfere com a percepção social das mudanças. Neste estudo concluímos que o desenvolvimento de uma gestão estratégica no âmbito de uma emergência pode depender do conhecimento colectivo, que não é necessariamente científico aquando da ocorrência de uma catástrofe. A principal conclusão é a de que a maioria das pessoas admite a fatalidade. Face à imprevisibilidade dos eventos admitem ficar na expectativa seguindo a evolução dos mesmos com poucas possibilidades de intervenção.

**Summary:** In this article we will analyze the social representations about the natural and technological hazards in the Galician-Portuguese border. The impact of environmental changes and the various developmental programs as well as the goal of elimination of borders among the EU states interferes with the perception of social change. In this study we conclude that the development of strategic management within an emergency may depend on the collective knowledge, which is not necessarily scientific on the occurrence of a disaster. The main conclusion is that most people admit the inevitable. Given the unpredictability of events they admit to follow the evolution of hazards without any possibility of intervention.

**Palavras-chave:** Ambiente, mudanças ambientais, percepção social, representações sociais, riscos  
**Keywords:** Environment, environmental changes, social perception, social representations, risks

## 1 - As Representações Sociais

A noção de "representação social" remonta a Émile Durkheim. Este autor, um dos fundadores da sociologia, encontrou nas estruturas simbólicas das sociedades as representações colectivas.

Foram sobretudo os trabalhos de Serge Moscovici que abriram o campo de pesquisa das representações sociais e foi sobretudo uma das suas alunas, Denise Jodelet que demonstrou a institucionalização de explicações consensuais da realidade e que não se fundamentam no método científico nem na "procura da verdade". Na realidade o contributo para a compreensão da estrutura das representações sociais deve-se a vários investigadores e já em 1954 as experiências de Solomon Asch sobre a formação de impressões e a constituição de normas individuais e de grupo demonstraram que uma forma de conhecimento colectivo e partilhado se pode tornar numa norma e constituir uma representação social.

Para Denise Jodelet, uma representação social é uma forma específica de conhecimento ou seja o saber do senso comum<sup>51</sup>. Significa que existe um "pensamento social" que, lembrando as experiências de Asch, não passa de uma norma imposta pelo grupo e que lhe dá uma explicação lógica e coerente dos fenómenos.

Segundo a teoria das representações sociais o mundo perceptível não significa que seja "logicamente perceptível ou compreensível" mas o que é mais importante são os esquemas mentais que as pessoas idealizam sobre esse mesmo mundo. Se esses esquemas mentais são partilhados em larga escala podem tornar-se modalidades de um pensamento prático<sup>52</sup>. A história da ciência mostra-nos que esta teve dificuldades em ultrapassar certas representações sociais largamente difundidas. Lembremos algumas das revoluções científicas que tiveram muita dificuldade em ser aceites porque as "evidências" das representações sociais mostram o contrário da ciência: ainda hoje nos custa a entender o movimento de translação do sol e todos os dias é o sol que nasce e se põe, não é a Terra que tem o movimento da rotação.

As representações sociais podem referir-se a fenómenos globais. Todas as sociedades conhecidas têm uma explicação para a criação do mundo por exemplo. Essas explicações variam imenso. Todas as representações sociais têm na sua base a explicação de um fenómeno ou seja um "objecto" como diria Moscovici. Esse objecto vai ser alvo de um

---

<sup>51</sup> Cf. Jodelet, Denise - Les Représentations Sociales. PUF, Paris. Vid. Bibliografia.

<sup>52</sup> Doise, Willelm - (1986) Les Représentations sociales: définition d'un concept. In: Doise, W. e Palmonari, A. Textes de base en psychologie: L'étude des représentations sociales. Delachaux et Niestlé, Lausanne.

tratamento cognitivo. No seu livro "Uma Breve História do Tempo", Stephen Hawking satiriza a ausência de conhecimento sobre o mecanismo do Universo com uma espécie de representação social<sup>53</sup>. Um cientista explica a dinâmica gravitacional e no fim da conferência uma senhora acha que o mundo em que ela vive deve estar apoiado em algo como por exemplo uma tartaruga. Pois bem, e que sustenta essa tartaruga? A pergunta do cientista tem resposta imediata: outra tartaruga. Conclusão: temos que admitir que é uma cascata de tartarugas para segurar o nosso mundo.

Alguns autores propuseram modelos de estrutura das representações sociais. Estas têm um núcleo duro em que assenta a "crença" e é muito estável. Este modelo é similar ao proposto por Hans Jurgen Eysenck<sup>54</sup> para a estrutura das atitudes em Psicologia Social. À volta deste núcleo estável vão-se organizando elementos periféricos que são menos estáveis. Por exemplo podemos atribuir o trovão à vontade divina e é impossível prever quando e onde pode surgir uma trovoadas. No entanto ela será menos improvável se não houver nuvens, se estiver frio... mas, mesmo assim nunca se sabe.

A procura das causas dos fenómenos ou "etiologia" provoca frequentemente explicações individuais (poderíamos falar de representações individuais) que se transformam em representações sociais.

## **2 - A Realidade do Norte de Portugal e da Galiza**

Os padrões económicos do Norte de Portugal e da Galiza não são muito diferentes<sup>55</sup>. A crise ambiental é comum. Por um lado assistimos ao despovoamento do mundo rural com consequências dramáticas pois desaparecem ao mesmo tempo as actividades produtivas tradicionais<sup>56</sup> que estavam ligadas à manutenção da biodiversidade. Por outro lado, os riscos de destruição ambiental, produzidos por exemplo pelos incêndios de Verão, estavam melhor controlados pelas populações.

O aumento significativo da população urbana provocou em algumas áreas uma desflorestação rápida e uma alteração das ocupações dos espaços com os problemas ligados à impermeabilização e erosão. Associado a tudo isto está a intervenção dos estados com projectos de regulação dos rios, reflorestação e controlo ambiental que, a exemplo do

---

<sup>53</sup> Cf. Hawking, Stephen William - Breve História do Tempo. Gradiva, Lisboa. Vid. Bibliografia.

<sup>54</sup> Michener, Andrew e al. - (2005) Psicologia Social. Thomson, S. Paulo.

<sup>55</sup> Alves, Francisco Manuel (Abade de Baçal) – (sd) Memórias Histórico-Arqueológicas do Distrito de Bragança. Ed. da Câmara Municipal.

<sup>56</sup> Para uma análise detalhada das actividades tradicionais do campesinato português indicamos a obra: Vasconcelos, José Leite de – (1983) Etnografia Portuguesa. Imprensa Nacional Casa da Moeda, Lisboa.

que aconteceu nos anos 1960 e 1970 provocam conflitos com as populações locais e naquelas décadas foram uma das causas da emigração<sup>57</sup>.

As políticas meio-ambientais e culturais seguidas pelos poderes públicos consistiu no pretensão ordenamento territorial implantando parques naturais de um lado e do outro da fronteira como é o caso de Montezinho e do Gerês (Xurês na parte sul da província de Ourense) com as áreas rurais adjacentes. Oficialmente a finalidade era a de preservar a biodiversidade e de promover o turismo nessas áreas que seria uma fonte geradora de serviços e recursos económicos alternativos para as populações rurais.

Os resultados previstos não foram atingidos. Os camponeses sentiram mais uma usurpação dos seus territórios de cultivo, pastoreio e caça e um acrescido controlo por parte de autoridades estranhas. Por outro lado tudo isto aumentou os riscos como o demonstraram os incêndios das últimas décadas<sup>58</sup>.

O aumento da produtividade esperada não se verificou (à excepção da produção de mel), embora se tivessem restaurado algumas casas tradicionais para turismo rural que no geral têm um movimento reduzido e baixa rentabilidade.



O norte de Portugal e a Galiza

<sup>57</sup> O'Neil, Brian Juan – (1984) Proprietários, Lavradores e Jornaleiros. Col. Portugal de Perto, Ed. D. Quixot, Lisboa (vid. bibliog).

<sup>58</sup> Borges, António Ferreira – (1993) Caracterização do potencial produtivo de uma área de sobro no Romeu (Mirandela): relatório final de estágio. UTAD. Vila Real.

### 3 - Os Parques

O parque de Montezinho tem uma superfície de 75000 hectares e nove mil habitantes, e foi criado em 1979. Ocupa parte das serras de Montezinho e da Coroa na fronteira leste da Galiza com Trás-os-Montes.

O parque natural do Gerês<sup>59</sup> (9 000 habitantes aprox.) e do Xurêš têm uma área respectiva de 70.290 Ha. e de 20.920 Ha. ou seja uma área total de 91.210 Ha. É uma enorme área de coníferas que foi repovoada a partir dos anos 1950. Durante muito tempo foi uma área destinada à fauna selvagem sendo permitida a caça no lado português até à década de 1970 e do lado galego até à década de 1990.

A administração dos parques é independente e de acordo com as legislação nacional. Estes parques situam-se na velha "raia" entre Portugal e Espanha. Um dos objectivos prioritários da avaliação dos riscos nestas áreas é a avaliação das bases potenciais de desenvolvimento rural, melhora da conservação ambiental e prevenir as crises.

Os parques foram concebidos para manter as reservas cinegéticas e florestais e atracção turística mas não se avaliou convenientemente a sua compatibilidade com a produções dos camponeses afectados. De algum modo sentiu-se uma situação de catástrofe pois não se compatibilizou a conservação ambiental com as tradições da cultura rural<sup>60</sup>. Países houve que o conseguiram de forma harmoniosa como foi o caso de Inglaterra. Manteve-se a actividade tradicional dos camponeses controlando-se a pastorícia convenientemente e criando mecanismos financeiros para abrigar de eventuais prejuízos devidos aos elementos ou aos excessos de populações selvagens.

### 4 - O Mundo Rural Circundante

O mundo rural circundante aos parques é constituído por duas formas de povoamento: aglomerado em Trás-os-Montes e na Galiza e disperso no Minho. O clima também difere pois é mais seco e frio em Trás-os-Montes. mundo rural circundante caracteriza-se essencialmente pela sua estrutura social e pelos meios de produção<sup>61</sup>.

---

<sup>59</sup> O ambiente do parque da Peneda-Gerês foi particularmente alterado pelos planos de fomento do Estado Novo, com a construção do conjunto de albufeiras no sistema Cávado-Rabagão e do Lima (Lindoso)

<sup>60</sup>Mayaud, Jean-Luc e Raphael, Lutz - (2006) Histoire Rurale de l'Europe Contemporaine. Armand Colin, Paris (vid. bibliog.)

<sup>61</sup>Caron, Pierre - (1998) Espaces, élevage et dynamique du changement : analyse, niveaux d'organisation et action. Le cas du Nordeste semi-aride du Brésil. Thèse de doctorat en Géographie : Université de Paris X, Nanterre, France., 398 pp.

A estrutura social paroquial remonta à Idade Média. Na paisagem as torres das igrejas ainda indicam os núcleos administrativos. Estes núcleos deram origem às actuais freguesias. Uma freguesia é um centro administrativo que pode incluir vários lugares como é o caso do Minho, ou várias aldeias como é o caso de Trás-os-Montes.

A estrutura social do mundo rural está muito relacionada com a produção local<sup>62</sup>. O papel da propriedade da terra, as casas, as ruas, as fachadas, o modo de vida, o sistema de entreajuda, a noção de tempo, os ritmos da vida, os mitos e os ritos são indicadores da estrutura social.

Do ponto de vista económico, as sociedades rurais caracterizam-se pela produção de bens que se confunde com o consumo. São comunidades autárquicas. Estas comunidades definem hierarquias internas muito semelhantes às estruturas de clãs ou chefaturas. Evidentemente que não podemos comparar estas chefaturas às encontradas noutros locais de povos ditos "primitivos" porque existem normas seculares que regulam estas chefaturas: por exemplo a religião e moral católicas são um dos mais fortes reguladores<sup>63</sup>.

As relações externas das aldeias são mantidas pelos "notáveis" das mesmas. Muitas vezes migrantes ou pessoas que se notabilizaram pelo estudo ou pelo negócio. Esta é a principal dinâmica interna que pode tomar modelos locais, dependendo por exemplo da extensão familiar.

Os recursos disponíveis também podem alterar a dinâmica social. Se bem que nos parques naturais se tenha restringido o recurso a bens comuns e mesmo a direitos comunais, isso não significa que outros recursos não tenham começado a ser explorados e a alterar seriamente o ambiente como foi o caso da implantação de explorações de pedras e inertes nos últimos anos.

## **5 - Áreas Urbanas**

A maior área urbana que permanece na raia portuguesa e galega situa-se no Vale de Chaves. Com efeito existe um continuo geológico entre Chaves e Verín e constitui um dos vales mais aptos para a agricultura da região. Este vale está a ser alvo de uma ocupação urbana sem precedentes o que levou as entidades públicas a projectar uma "eurocidade"

---

<sup>62</sup> Cf. Prada, Luciano Lopes - Camponeses de Arcosêlo: estrutura social e meios de produção (vid. bibliog)

<sup>63</sup> Cf. Fontes, António Lourenço - Etnografia Transmontana II: o comunitarismo de Barroso. (vid. bibliog.).

que acabe com a antiga raia entre Portugal e Espanha. O crescimento urbano na região pode potenciar os riscos tecnológicos<sup>64</sup>.

A geografia local aponta para uma fronteira de "raia sêca" pois nenhum obstáculo natural impede o contacto das populações o que contrasta por exemplo com a fronteira do Rio Minho ou do Gerês que acabam por dificultar as comunicações entre Portugal e a Galiza.

A observação por nós efectuada demonstra que existe uma acuidade particular no desenvolvimento urbano desta grande área, e, foi criado um grupo de trabalho para potenciar uma maior integração do tecido urbano. A ideia será juntar sinergias no sentido de proporcionar o "desenvolvimento" atraindo indústrias e empresas de bens e serviços.

O desenvolvimento pretendido pode acarretar novas potencialidades de riscos que não vamos desenvolver neste artigo. De algum modo teríamos que analisar mais profundamente a distinção entre tecido urbano e tecido rural<sup>65</sup>. A evolução das sociedades rurais para as sociedades de "consumo urbano" alterou o modo de vida pois o modelo da aldeia autárquica de outrora foi substituído pelo modelo de consumos urbanos nas comunidades rurais tradicionais<sup>66</sup>.

## 6 – Hipóteses

Em primeiro lugar pretendemos analisar a percepção ambiental por parte das populações da raia. A nossa hipótese principal é a de que as representações sociais que pretendemos recolher e analisar não se coadunam com as orientações disponibilizadas pelas administrações.

Por outro lado, a relação entre as representações sociais das mudanças meioambientais e os benefícios esperados (nomeadamente a educação, a saúde e a economia local) não coincidem com a realidade esperada. Deste modo podemos esperar um descontentamento expresso ou latente nas populações.

---

<sup>64</sup> O concelho de Chaves abrange uma área de 600,12 km<sup>2</sup>, é composto por 51 freguesias e nela residem 43.667 habitantes concentrados, fundamentalmente, na cidade e nas aldeias limítrofes, atingidas por processos de peri-urbanização e rurbanização. Tem uma densidade populacional de 68,12 habitantes por km<sup>2</sup> e, nos últimos anos, a população tem crescido um pouco(6,7%). Segundo os resultados obtidos nos Censos de 2001, a população do concelho de Chaves encontra-se repartida da seguinte forma: 6269 entre os 0 e os 14 anos, 6251 entre os 15 e os 24 anos; 22511 entre os 25 e 64 anos; e com mais de 65 anos registam-se 8636 idosos Verín (província de Ourense) tem uma área de 93,9 [km<sup>2</sup>](#) com população de 13991 habitantes em 2007 e [densidade populacional](#) de 144,31 hab/km<sup>2</sup>. (fonte: Município de Chaves).Administrativamente, os concelhos galegos são mais pequenos que os portugueses.

<sup>65</sup> Hervieu, Bertrand - (1996) Les Agriculteurs. Col. Que sais je? PUF. Paris (vid. bibliog.).

<sup>66</sup> Remy, Jean - (2002) Agriculteurs, Ruraux et Citadins: les mutations des campagnes françaises. Educagri Editions. Paris (vid. bibli

Como terceira hipótese defendemos que as representações sociais das populações locais não avaliam correctamente a situação de risco potencial. Portanto seria necessária a produção de informação científica capaz de contrariar eventuais percepções erróneas dos riscos tecnológicos e naturais.

Para as Ciências Humanas a mudança ambiental não pode ser vista apenas do ponto de vista da Física, Química, Engenharia, Medicina (toxicologia, epidemiologia, etc.), Probabilidades ou Ciência Política. Existem processos e relações sociais que são afectados pelo impacto ambiental.

## **7 – Metodologia**

Para observar as percepções de eventuais crises meio-ambientais começaremos por uma observação global da distribuição da população pelo espaço geográfico. Os factores físicos de que dependem os riscos dependem em grande parte da gestão actual do meio ambiente (por exemplo se é rural ou urbano) e das estruturas construídas pelos seres humanos. De algum modo a evolução das actividades económicas e sociais alteram as percepções sociais dos riscos.

O património é um dos elementos chave na percepção social dos riscos. Pressupõe-se a existência de processos de identificação da população com o património. Necessitamos pois de por os investigadores em contacto com os actores sociais no terreno.

A investigação será portanto feita por amostragem. Uma vez que se trata da observação das representações sociais no terreno, utilizaremos duas técnicas mistas: a entrevista e o questionário<sup>67</sup>.

## **8 - As Técnicas**

As técnicas utilizadas para identificar fontes de riscos têm todas em comum a procura de informação e o seu registo. As mais utilizadas são as "checklists" produzidas a partir de inventários de causas possíveis<sup>68</sup>. Estas técnicas pressupõem a análise preliminar dos riscos e possíveis medidas de resposta simples sem uma grande preparação técnica. Trata-se muitas vezes da utilização do método especulativo que responde a questões como "se isto acontecer ... que é que se faz?" O método da análise da "árvore de falhas" ou seja a construção de diagramas que identificam os pontos críticos recorre muitas vezes à

---

<sup>67</sup> Cf. Grawitz, Madeleine - (2001) Méthodes des Sciences Sociales. 11<sup>a</sup> ed. Dalloz, Paris.

<sup>68</sup> Algumas empresas como a BASF ou a ICI desenvolveram métodos para lidar com os riscos tecnológicos como o Hazard and Operability Studies (HAZOP).



estatística para identificar as possibilidades de fracasso do planeamento e indicar os eventos e estados críticos.

A identificação de perigos e consequências recorre muitas vezes à descrição de causa e efeito. Curiosamente muitos impactos ambientais tornam-se visíveis através da análise das narrações de mudança feitas pelas populações atingidas: a frequência e a intensidade das mudanças podem assim ser melhor combinadas com as estimativas da duração.

Um dos problemas mais salientes no estudo das percepções sociais da mudança ambiental decorre menos da intensidade da mudança mas da sua extensão no espaço e no tempo. As análises técnicas dos riscos geralmente ignoram ou subestimam a dimensão psicossocial dos mesmos.

Para investigar as representações sociais utilizamos preferencialmente um guia de entrevista, deixando aos entrevistados a liberdade de expor livremente os seus pontos de vista.

Trata-se também de confrontar os sujeitos com certas dinâmicas socioculturais de recuperação (e reconstituição) das dinâmicas socioculturais, memórias, acontecimentos, patrimónios e tradições.

Estas técnicas têm demonstrado a sua eficácia na recolha de informações, mas também motivam as populações locais a reconhecer a sua identidade, relacionada com o seu passado e o seu território e até geram formas positivas de dinamismo sociocultural.

## **9 - Procedimentos e Resultados**

Iniciamos os trabalhos de pesquisa sobre as representações sociais dos riscos tecnológicos e naturais na região do Alto-Tâmega e Barroso em 1995. Nessa altura começamos a trabalhar no pólo de Chaves da Universidade Internacional juntamente com o pró-reitor, o Professor António Domingues Polanah. A ideia do estudo veio da Professora Doutora Bernardette de Vanssay, antiga investigadora do Centre Charles Richet d'Étude des Disfonctions de l'Adaptation (CREDA), centro que acolhia investigadores da Université de Paris V e da École des Hautes Études en Sciences Sociales. A sede do centro era no 45 rue des Saints Pères em Paris. Com a extinção do mesmo a investigadora passou para o Pólo Leonard de Vinci em Paris-la-Défense. Apenas mantivemos a colaboração enquanto se manteve aberto o pólo de Chaves da Universidade Internacional e desde 1998 prosseguimos as nossas pesquisa de forma independente.

Num primeiro momento (1996) elaboramos um estudo preliminar recorrendo à técnica de entrevista e são esses resultados que expomos aqui. A entrevista continha de cinco questões centrais:

- 1 - Quais as catástrofes mais comuns no sítio onde vive?
- 2 - Que catástrofe causou mais prejuízos económicos no sítio onde vive?
- 3 - Quais as catástrofes que lhe causam mais medo?
- 4 - Como reagiria se acontecesse uma das catástrofes que lhe causam mais medo?
- 5 - No caso de ser atingido por um acidente ou catástrofe, o que mais apreciaria que fizessem por si?

As entrevistas seriam todas realizadas por nós pois naquele momento não tínhamos pessoal treinado para colaborar no estudo. Os entrevistados não eram formalmente informados de que estavam a ser entrevistados. Muitas vezes recorremos a pessoas conhecidas para nos porem em contacto utilizando situações rotineiras como era o caso de acompanharmos alguém a um café e sentávamo-nos junto a desconhecidos mas que eram conhecidos dos nossos amigos. Depois de uma primeira apresentação tentávamos levar a conversa para o nosso propósito.

Retivemos 53 entrevistas, 17 das quais do sexo feminino. Sempre foi mais difícil abordar a questão com as mulheres. No entanto o material recolhido com as pessoas idosas era muito rico pois recordavam-se de acontecimentos como o "ano da fome" (1945) ou do vento grande (15 de Fevereiro de 1941).

As respostas foram analisadas segundo o método da análise de conteúdo. Como cada indivíduo podia responder livremente e não estava limitado a qualquer número de respostas, obtivemos os seguintes resultados.

#### 1 - Quais as catástrofes mais comuns no sítio onde vive?

Natureza das catástrofes	<b>Homens</b> <b>N = 36</b>	<b>Mulheres</b> <b>N = 17</b>
Incêndios	34	10
Inundações	32	14
Vento forte	26	11
Geadas	17	5
Pragas (insectos, míldio, ervas daninhas ...)	6	3
Outros (acidentes de viação, de trabalho ...)	7	1
Total das respostas	122	61

O agrupamento dos riscos mostra que nesta região são os elementos os mais referidos pois os invernos são rigorosos e nalguns locais o vento, a chuva e a neve são os mais visíveis. As cheias do rio Tâmega na cidade de Chaves eram sempre referidas.

Acontecia porém que a as populações do meio rural davam muita importância às adversidades que eram causa directa da diminuição das suas produções referindo sobretudo as geadas, as pragas, as ervas daninhas e até a escassez ou excesso de chuva. Nalgumas conversas referiam-se até os animais selvagens como a acção dos javalis nos campos de milho ou a dos lobos que de vez em quando saíam dos limites do parque da Peneda-Gerês.

Relativamente a acidentes pessoais, eram sobretudo as pessoas que trabalhavam na construção civil que exprimiam preocupações com a segurança e com o "medo de ficar aleijado".

## 2 - Que catástrofe causou mais prejuízos económicos no sítio onde vive?

Natureza das catástrofes	<b>Homens</b> <b>N = 36</b>	<b>Mulheres</b> <b>N = 17</b>
Incêndios	26	8
Intempéries	17	7
Outros	3	4
Total	46	19

Os incêndios são considerados os riscos mais comuns nesta área. Com efeito, o mundo rural circundante aos parques não foi dotado de indústrias transformadoras capazes de tornar perceptíveis riscos tecnológicos.

Com a reflorestação, os riscos de incêndios na floresta aumenta mas a alteração dos projectos de construção e a utilização de novos materiais fez diminuir muito o risco de incêndios nas aldeias<sup>69</sup>.

Nas zonas limítrofes das barragens do sistema Cávado-Rabagão foram assinaladas algumas perturbações ecológicas. Enquanto laboraram, as minas da Borralha onde se extraía volfrâmio, lançaram produtos químicos que afectaram sobretudo a barragem da Venda Nova. Era impossível pescar nessa barragem porque não havia peixes mas as populações temiam sobretudo a contaminação das águas.

As intempéries englobam os temporais, sobretudo no Inverno, e as consequências que se traduzem no bloqueamento de estradas pela neve e gelo, pelas enxurradas, inundações e até o frio extremo.

<sup>69</sup> No início do século XX muitas casas ainda eram cobertas de colmo. As lareiras eram os principais focos de incêndio. Algumas aldeias foram mais que uma vez destruídas pelo fogo. Veja-se a este respeito a obra de Bento da Cruz "Planalto de Gostofrio" reeditada pela âncora Editora e cujo título original era "Planalto em Chamas" (ed. do autor, 1963)..

De algum modo as populações adaptaram-se. As intempéries são previsíveis pois dependem das regularidades climáticas. Por isso as pessoas aprenderam a construir as suas habitações longe dos locais de risco o que não implica que de vez em quando surja qualquer surpresa.

São sobretudo os pastores que referem as dificuldades quando o tempo é mais rigoroso pois alguns anos os pastos são fortemente atingidos e podem esgotar-se as forragens.

### 3 - Quais as catástrofes que lhe causam mais medo?

Natureza das catástrofes	<b>Homens</b> <b>N = 36</b>	<b>Mulheres</b> <b>N = 17</b>
Todas	36	14
Incêndio da casa	29	14
Incêndios em geral	25	7
Acidentes em que a pessoa ou familiar fiquem aleijados	26	4
Intempéries	5	2
Terramotos	6	3
Doenças graves	19	14
Outros	3	4
Total de respostas	149	62

A situação de calamidade imprevista pode atingir qualquer pessoa. Neste caso a questão induz à resposta. Mas mais uma vez notamos que nesta região são os incêndios e as intempéries as eventualidades mais temidas. Por outro lado, os acidentes pessoais também são referidos.

Nas doenças graves as pessoas falavam sobretudo de surtos epidémicos como a famosa "gripe espanhola" que ocorreu no final da Primeira Guerra Mundial. pensamos que se tratou de um efeito circunstancial pois os média nacionais referiam a possibilidade de propagação de uma epidemia de gripe, o que foi também transmitido pelos média locais.

### 4 - Como reagiria se acontecesse uma das catástrofes que lhe causam mais medo?

Acção	Homens N = 36	Mulheres N = 17
Não se podem evitar. Não sei.	22	6
Prevenção (procuro estar informado), mas não sei.	10	3
Fuga	4	8
Total de respostas	36	17

A maioria das pessoas parece não ter qualquer plano para agir em caso de catástrofe. Nas aldeias de planeamento aglomerado, os padrões de reacção são muito similares. Para dar o alarme utilizam-se os sinos das igrejas. Toda a população reconhece os códigos de alarme. Por exemplo, um simples óbito pode ser anunciado pelo dobrar dos sinos numa sequência de três vezes com o espaço de cerca de um minuto no caso de se tratar de um homem e duas vezes no caso de uma mulher. Se se trata de um incêndio, os sinos não dobram mas repicam num ritmo acelerado. No passado até se encontraram códigos específicos para o caso de as aldeias serem atacadas<sup>70</sup>.

Cada vez mais as pessoas procuram a informação nos média que depois é transmitida de boca em boca dentro das comunidades. Por exemplo nos nossos dias a rádio e televisão já dão as previsões do tempo com quatro ou cinco dias de antecedência. Mas essa informação não permite prevenir contra as particularidades locais como a ocorrência de geadas<sup>71</sup>.

5 - No caso de ser atingido por um acidente ou catástrofe, o que mais apreciaria que fizessem por si?

Acção	Homens N = 36	Mulheres N = 17
Dar dinheiro	17	12
Socorrer de imediato	9	3
Ajuda a prazo	6	2
Outros	4	2
Total de respostas	36	36

<sup>70</sup> Muitas aldeias mantêm conflitos com as aldeias vizinhas e embora nos nossos dias os actos de violência sejam raros ainda se utilizam certos códigos como o alarme pelos sinos ou mensagens específicas.

<sup>71</sup> A 3 de Maio de 1945 ocorreu nesta região uma geada que impediu a normal maturação das plantas (frutícolas, hortícolas e sobretudo cereais). AS pessoas atribuíram a escassez de alimentos nesse ano à "geada do dia de Santa Cruz". A situação agravou-se devido à situação de penúria do fim da Segunda Guerra Mundial.

As pessoas entrevistadas não se centravam propriamente na ajuda imediata mas na recuperação da situação anterior. A análise de conteúdo que fizemos das entrevistas mostrava claramente que é a variável monetária a privilegiada.

Este resultado surpreendeu-nos tanto mais que noutros estudos prevalecia o sistema de entreajuda comunitária. Os vizinhos, numa situação de catástrofe, não negavam a ajuda uns aos outros mesmo se estivessem em conflito entre si.

A crescente monetarização das sociedades rurais parece alterar os padrões de entreajuda: esta passou a ter um preço. Não admira pois que muitas pessoas atribuam à sua situação económica a principal protecção numa situação de risco.

## **10 – Conclusão**

As representações sociais em caso de prevenção dos riscos tecnológicos e naturais permitem utilizar as metodologias de análise do risco e técnicas de avaliação e modelação das respostas por parte das populações.

O desenvolvimento de uma gestão estratégica no âmbito de uma emergência pode depender do conhecimento colectivo, que não é necessariamente científico aquando da ocorrência de uma catástrofe.

Uma das conclusões deste nosso estudo advém da questão nº 4, pois a maioria dos entrevistados admite a fatalidade. Como as catástrofes não se podem prever, não tomariam qualquer medida. Esta questão levou-nos a colocar uma outra hipótese: será que esta população é maioritariamente de controle externo? Uma questão para verificar em investigações futuras.

Nesta região as catástrofes que causam muitas vítimas como os terremotos, os tsunamis ou as erupções vulcânicas não preocupam as populações a não ser no imaginário. Por exemplo, na cidade de Chaves a água brota do solo a uma temperatura máxima de 93 graus Célsius, ou seja quase no ponto de ebulição. Fantasistas referiram a possibilidade de um dia o vale de Chaves se transformar num vulcão. Outras a possibilidade do muro de uma das barragens ceder. São situações muito improváveis mas seriam as grandes catástrofes visíveis.

São as alterações ambientais que mais parecem preocupar estas pessoas<sup>72</sup>. Com efeito muitos comentários sobre o meio ambiente tinham a ver com a alteração dos processos produtivos como o abandono da agricultura, a infestação do território por

---

<sup>72</sup> Gonçalves, Rui Alexandre da Costa – (2000) Principais factores bióticos e abióticos dos montados de sobro do concelho de Mirandela e a sua relação com a sanidade. UTAD. Vila Real (vidl bibliog.).

determinadas espécies vegetais como as giestas e o que mais preocupava alguns eram certos regulamentos como as licenças de caça e os regimes legais da mesma<sup>73</sup>.

Estamos habituados a mudanças lentas no ambiente o que nos dá a possibilidade de ajustamentos a essas mudanças. No entanto, as mudanças na actualidade podem tornar-se bruscas ou ser percebidas como tais. Neste estudo mostramos como as representações sociais da mudança se interligam com a percepção social da mesma e permitem observar o conhecimento comum sobre os riscos tecnológicos e naturais<sup>74</sup>.

Por outro lado, também existem representações sociais relativas às possíveis soluções que os poderes públicos podem trazer nas situações de risco. No entanto nesta primeira abordagem não aprofundamos este tema. A conclusão geral é que as pessoas se apercebem das mudanças ambientais e do respectivo impacto. Produzem consensos sobre as possibilidades de resposta ao contacto ambiental. Esses consensos não se apoiam no conhecimento técnico ou científico<sup>75</sup>.

Muitas questões se nos afiguram sobre o modo de intervenção junto destas populações no caso de uma ocorrência de mudança súbita no ambiente mas o caso ainda é mais pertinente se tivermos em conta as mudanças lentas e as opções que os poderes públicos estão a tomar visando o desenvolvimento social e económico: no caso dos parques naturais da região e populações rurais circundantes parece que num primeiro momento os objectivos não foram atingidos.

---

<sup>73</sup> Quando das nossas entrevistas existia um debate aceso entre os caçadores por causa das zonas de caça associativa e as zonas "nacionais". Com a possibilidade das zonas de caça associativa muitas aldeias coutaram os seus terrenos impedindo o acesso a caçadores externos.

<sup>74</sup> Naiff, Denis; Monteiro, Rosa Cristina; Naiff Lucienne - (2009) O Camponês e o agricultor nas representações sociais de Estudantes Universitários. Universidade Federal, Rio de Janeiro.

<sup>75</sup> Fontes, António Lourenço e Sanches, João Domingos Gomes - (1996) A Medicina Popular Barrosã: ensaio de Antropologia Médica. Editorial Notícias, Lisboa.

## 11 - Bibliografia

- Alves, Francisco Manuel (Abade de Baçal) – (sd) Memórias Histórico-Arqueológicas do Distrito de Bragança. Ed. da Câmara Municipal.
- Borges, António Ferreira – (1993) Caracterização do potencial produtivo de uma área de sobro no Romeu (Mirandela): relatório final de estágio. UTAD. Vila Real.
- Caron, Pierre - (1998) Espaces, élevage et dynamique du changement : analyse, niveaux d'organisation et action. Le cas du Nordeste semi-aride du Brésil. Thèse de doctorat en Géographie : Université de Paris X, Nanterre, France,. 398 pp.
- Cruz, Bento da - (1992)"Planalto de Gostofrio" reeditada pela Editorial Notícias, Lisboa, e cujo título original era "Planalto em Chamas" (ed. do autor, 1963)..
- Doise, Willelm - (1986) Les Représentations sociales: définition d'un concept. In: Doise, W. e Palmonari, A. Textes de base en psychologie: l'étude des représentations sociales. Delachaux et Niestlé, Lausanne.
- Fontes, António Lourenço e Sanches, João Domingos Gomes - (1996) A Medicina Popular Barrosã: ensaio de Antropologia Médica. Editorial Notícias, Lisboa.
- Fontes, António Lourenço - (1974) Etnografia Transmontana II: O Comunitarismo de Barroso. Ed. do autor. Montalegre.
- Gonçalves, Rui Alexandre da Costa – (2000) Principais factores bióticos e abióticos dos montados de sobro do concelho de Mirandela e a sua relação com a sanidade. UTAD. Vila Real.
- Grawitz, Madeleine - (2001) Méthodes des Sciences Sociales. 11<sup>a</sup> ed. Dalloz, Paris.
- Hawking, Stephen William - (2000) Breve História do Tempo. Col. Ciência aberta. Gradiva, Lisboa.
- Hervieu, Bertrand - (1996) Les Agriculteurs. Col. Que sais je? PUF. Paris.
- Jodelet, Denise - (1989) Les Représentations Sociales. PUF, Paris
- Mayaud, Jean-Luc e Raphael, Lutz - (2006) Histoire Rurale de l'Europe Contemporaine. Armand Colin, Paris.
- Michener, Andrew e al. - (2005) Psicologia Social. Thomson, S. Paulo.
- Naiff, Denis; Monteiro, Rosa Cristina; Naiff Lucienne - (2009) O Camponês e o agricultor nas representações sociais de Estudantes Universitários. Universidade Federal, Rio de Janeiro.
- O'Neil, Brian Juan – (1984) Proprietários, Lavradores e Jornaleiros. Col. Portugal de Perto, Ed. D. Quixot, Lisboa.
- Prada, Luciano Lopes (2004) - Camponeses de Arcosêlo (Vimioso): Estrutura Social e Meios de Produção. Tese de Master em Antropologia Social e Cultural sob a Direcção do Professor Xaquin Rodrigues Campos. Universidade de Santiago de Compostela.



Remy, Jean - (2002) *Agriculteurs, Ruraux et Citadins: les mutations des campagnes françaises*. Educagri Editions. Paris.

Vasconcelos, José Leite de – (1983) *Etnografia Portuguesa*. Imprensa Nacional Casa da Moeda, Lisboa.